

Mapeamento de fatores de adoecimento mental e fatores protetivos entre estudantes no ensino superior

Sandrelena da Silva Monteiro

Doutora em Educação, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora
Lider do Grupo Acolhe: Estudos e Pesquisa em Educação, Desenvolvimento e Integralidade Humana.

✉ sandrelena.monteiro@ufff.br

Gustavo Roberto Lima

Mestrando do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Integrante do Grupo Acolhe.

✉ lima.gustavo@estudante.ufff.br

Ruthmary Fernanda de Souza Fernandes

Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduada em Pedagogia pela mesma universidade. Professora na Rede Municipal de Educação de Juiz de Fora-MG.

Integrante do Grupo Acolhe.

✉ ruthmaryjf@gmail.com

Recebido em 10 de março de 2025

Aceito em 1 de outubro de 2025

Resumo:

Este artigo visa contribuir com estudos e construção de políticas universitárias de prevenção ao adoecimento discente no Ensino Superior. Apresenta resultados de uma pesquisa desenvolvida no contexto de uma universidade federal mineira que buscou ouvir aos próprios estudantes sobre o que consideram como sendo fatores de adoecimento mental na vida acadêmica, o que consideram fatores protetivos à saúde mental e que ações sugeririam à universidade como forma de prevenção a esse adoecimento. A metodologia teve uma dinâmica quantitativa e qualitativa, sendo utilizados os *softwares Excel e Iramuteq* para análise dos dados. Destaca a categoria professor, em especial por ela ter aparecido como fator relevante tanto como causador de adoecimento mental, quanto como fator protetivo, o que ao mesmo tempo em que parece contraditório, aponta para as múltiplas facetas da relação professor-estudante no Ensino Superior. Quanto às ações sugeridas à universidade que poderiam ter caráter de cuidado e prevenção ao adoecimento mental discente, foram destacadas: ações de arte e lazer, ações de formação e conscientização, ações vinculadas ao atendimento psicológico e médico. Ressalta-se a importância de pesquisas sobre a temática saúde e educação ir além dos diagnósticos e do apontar fatores de adoecimento, dando destaque aos fatores protetivos e às sugestões dos estudantes, a ser consideradas nas construções de políticas institucionais de acolhimento cuidado e promoção de saúde.

Palavras-chave: Ensino Superior, Política Universitária, Saúde Mental, Adoecimento discente.

Mapping of mental illness factors and protective factors among higher education students

Abstract:

This article aims to contribute to studies and constructions of university policies to prevent student illness in Higher Education. It presents the results of a study conducted at a federal university in Minas Gerais, which sought to hear from students themselves about what they consider to be factors that

lead to mental illness in academic life, what they consider to be protective factors for mental health, and what actions they would suggest to the university as a way to prevent this illness. The methodology involved both quantitative and qualitative dynamics, using Excel and Iramuteq software for data analysis. It highlights the category of professor, especially because it appeared as a relevant factor both as a cause of mental illness and as a protective factor, which, while seeming contradictory, points to the multiple facets of the professor-student relationship in higher education. As for the actions suggested to the university that could be of a care and prevention nature for mental illness in students, the following were highlighted: art and leisure activities, training and awareness-raising activities, and actions linked to psychological and medical care. It is important to highlight the importance of research on the theme of health and education going beyond diagnoses and pointing out factors of illness, highlighting protective factors and students' suggestions, to be considered in the construction of institutional policies for reception, care and health promotion.

Keywords: Higher Education, University Policy, Mental Health, Student Illness.

Mapeo de factores de enfermedad mental y factores protectores entre estudiantes de educación superior

Resumen:

Este artículo pretende contribuir a los estudios y a la construcción de políticas universitarias para la prevención de enfermedades estudiantiles en la Educación Superior. Presenta los resultados de un estudio realizado en el contexto de una universidad federal de Minas Gerais que buscó escuchar a los propios estudiantes sobre lo que consideran factores de enfermedad mental en la vida académica, lo que consideran factores protectores de la salud mental y qué acciones sugerirían a la universidad como forma de prevenir esta enfermedad. La metodología tuvo una dinámica cuantitativa y cualitativa, utilizándose el software Excel e Iramuteq para el análisis de los datos. Se destaca la categoría docente, especialmente porque ha aparecido como un factor relevante tanto como causa de enfermedad mental como factor protector, lo que, si bien parece contradictorio, apunta a las múltiples facetas de la relación profesor-alumno en la Educación Superior. Respecto a las acciones sugeridas a la universidad que pudieran ser de carácter asistencial y preventivo de la enfermedad mental del estudiantado, se destacaron: acciones de arte y ocio, acciones de formación y sensibilización, acciones vinculadas a la atención psicológica y médica. Es importante destacar la importancia de que la investigación en el tema de salud y educación vaya más allá de los diagnósticos y señale los factores de enfermedad, destacando los factores protectores y las sugerencias de los estudiantes, para ser consideradas en la construcción de políticas institucionales de acogida, atención y promoción de la salud.

Palabras clave: Educación superior, Política universitaria, Salud mental, Enfermedad estudiantil.

INTRODUÇÃO

A entrada na universidade para os jovens é a coroação de um longo período de preparação, dedicação, esforço, tensão, provas que definirão, quem, dentre os milhares de candidatos será merecedor de ocupar um lugar no curso de sua escolha. É o fim de um ciclo. Mas, concomitante, o início de um novo ciclo. Um novo começo, mudanças, desafios, incertezas. Para alguns a mudança da escola da Educação Básica para o Ensino Superior, para outros, junto a isso há a mudança de casa, de cidade, de relações sociais, o distanciamento da família, o ter que assumir o gerenciamento integral da própria vida.

Essa passagem de uma condição de vida, cercada pelos cuidados da família, da escola, dos profissionais do Ensino Médio, todos juntos, focados em um único objetivo – entrar na universidade, para uma condição de autonomia e liberdade, de gerenciamento do próprio ir e vir, do tempo, das atividades, das escolhas, e também do assumir as responsabilidades com a própria formação, quase sempre se faz permeada por sentimentos e emoções novas, muitas vezes insegurança e medo. Se antes se encontrava diante de um “destino certo” entrar na universidade, agora o “destino” se abre a uma multiplicidade de experiências, escolhas, responsabilidades, novos objetivos a serem alcançados.

A formação profissional que se pretende ao torna-se universitário traz consigo exigências nem sempre fáceis de atender. Concluir o curso universitário é tão comemorado quanto a entrada, especialmente em função de que, nem todos os que entram conseguem fazê-lo. Por fim, tendo percorrido com sucesso a graduação, encontra-se o jovem ante a um novo desafio, a entrada no mundo do trabalho.

Ainda que seja possível fazer um esboço, a vida universitária não se faz em poucas linhas, muito menos em linhas retas, é cheia de encruzilhada, desvios, atalhos, e atoleiros a serem superados. É sobre esse emaranhado de experiências que constitui a caminhada na vida universitária que este artigo se propõe a falar. Isso porque, é um caminhar atravessado por experiências ora alegres e saudáveis, ora tristes e causadoras de sofrimento psíquico, adoecedoras, mas sempre desafiadoras (COULON, 2017; SILVA e SILVA, 2018; CRISTO *et.al.*, 2019; PEREIRA, 2021; RODRIGUES e CORRÊA, 2022; GOMES *et.al.*, 2023; KREUTZFELD, 2023).

Tendo adentrado o espaço-tempo da universidade, um fenômeno que tem acometido cada vez mais a vida dos jovens estudantes é o adoecimento mental (CARLESSO, 2019; LELIS *et.al.*, 2020; SEVERO *et.al.*, 2020; PEREIRA, 2021; BEZERRA *et.al.*, 2021; SACRAMENTO *et.al.*, 2021, RODRIGUES e CORRÊA, 2022, GOMES *et.al.*, 2023). Palavras como ansiedade, depressão, insônia, estresse, tensão, competição, frustração passam a fazer parte da vida como coisas comuns e corriqueiras.

Se pensarmos que o ser humano precisa de certa tensão, que faz com que mantenhamos nossa atenção à vida, que impulsiona as próprias ações em busca de alcançar um objetivo, essa, a priori, não seria um problema na vida do estudante, no entanto, torna-se adoecedora

quando passa a ter uma intensidade e tempo de duração que comece a gerar desgaste emocional e físico, podendo culminar na perda da percepção do sentido da própria situação de vida.

O que o ser humano realmente precisa não é de um estado livre de tensões, mas antes, a busca e a luta por um objetivo que valha a pena, uma tarefa escolhida livremente. O que o ser humano precisa é de um desafio de um sentido em potencial à espera de seu cumprimento (FRANKL 2018, p. 130).

Certamente é esse “sentido em potencial à espera de seu cumprimento” que motiva milhares de jovens a encarar e superar os desafios de entrar no mundo universitário. No entanto, quando a tensão para realização deste objetivo se torna intensa e de longa duração pode ter um desfecho muito diferente do esperado. No que se refere ao Ensino Superior há desafios que são inerentes à vida acadêmica, como, por exemplo, cumprimentos de múltiplas tarefas, estudo de teorias densas, avaliações, trabalho de conclusão de curso, estágios dentre outros. Para muitos jovens, esses desafios são agravados com o distanciamento da família, com a mudança do grupo de relações sociais, mudanças de hábitos de vida e o ter que assumir de forma autônoma o gerenciamento da própria vida.

Ao longo da pesquisa realizada foi possível perceber que os respondentes não fogem aos desafios inerentes às novas circunstâncias da vida. Alguns conseguem apontar de forma explícita fatores que lhes exige maior esforço. O que ocorre, é que, nem sempre o esforço empregado é o suficiente para resolver a situação na qual se encontra, podendo gerar uma frustração diante da própria escolha pela vida universitária, podendo levar até mesmo a uma frustração existencial (FRANKL, 2011, 2018, 2019)¹.

Essa frustração existencial tem se tornado um grande desafio aos campos da psicologia e da educação. No entanto, a frustração existencial, em si, não é um problema, uma vez que impulsiona o ser a encontrar o sentido que há na vida tal qual está sendo vivida. Na situação específica dos jovens universitários, percebe-se que tal frustração pode ser resultado de um processo que começa a ser vivido quando se inicia a “corrida” para a entrada na vida acadêmica, quando, por exemplo, o estudante não escolhe o curso por identificação ou desejo de realizar uma profissão, mas o faz por pressão de uma exigência familiar, ou em busca de uma

¹ Viktor Emil Frankl (1905-1997), psiquiatra e filósofo vienense, fundador da Logoterapia e Análise Existencial, considerada a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, tem inspirado e sido importante referencial teórico para os estudos e pesquisas sobre saúde mental, em nosso caso, em especial, a saúde mental de docentes e discentes. A partir da sua ontologia dimensional, instiga a considerar a integralidade humana e suas condições histórico-culturais de vida nos processos educativos. Para esse autor a busca de sentido na vida é a força motriz das ações humanas. Destaca que a liberdade e a responsabilidade devem ser referenciais para a conduta humana. A dinâmica saúde e adoecimento, bem como a frustração existencial, apesar de constitutivas da condição humana, precisam ser problematizadas e respondidas a partir do referencial de sentido de vida e prevenção ao vazio existencial.

profissão de *status* social, ou ainda, porque foi o curso que sua nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) possibilitou escolher. Desta forma, diante da percepção da frustração, é fundamental que o estudante busque por apoio, de forma que possa reencontrar ou encontrar um outro sentido que motive a continuidade da caminhada. Encontrar esse sentido pode implicar, por exemplo, em mudança de curso.

Aqui se destaca um papel importante das instituições educacionais, uma vez que não devem se limitar a construção de conhecimento ou transmissão de tradições, mas devem se dedicar especialmente a educar para o aguçar da consciência humana para que cada estudante seja capaz de encontrar o sentido que existe em cada situação da vida (FRANKL, 2011). Na contramão desta compreensão o que encontramos, especialmente em algumas dinâmicas universitárias, é um apelo ao reducionismo materialista, tecnicista e niilista ante a vida.

Desde o ano de 2018 o grupo de pesquisa do qual fazemos parte vem desenvolvendo estudos, pesquisas e ações a partir da temática saúde e adoecimento mental discente no Ensino Superior. Ao triangular os registros realizados em nossas pesquisas com os realizados por outros grupos brasileiros encontramos que muitos dados se repetem, dentre eles o índice de adoecimento mental que parece estar crescendo em ritmo galopante e uma tímida ação por parte das universidades na construção de políticas institucionais de acolhimento, cuidado, prevenção e atendimento especializado aos estudantes adoecidos. Outro ponto que chama a atenção é o fato de grande parte dos artigos publicados sobre a temática se ater a revisão de literatura e/ou realização de diagnóstico, sendo em números bem menor os que se dedicam a compartilhar resultados de ações de intervenção diante desse quadro alarmante.

Essa pesquisa, desenvolvida no contexto de uma universidade federal mineira, traz algumas contribuições à problematização deste cenário, uma vez que buscou ouvir os próprios estudantes sobre o que consideram como sendo fatores de adoecimento mental na vida acadêmica, o que consideram fatores protetivos à saúde mental e que ações sugeririam à universidade como forma de prevenção a esse adoecimento. Aqui um diferencial, uma vez que não se limitou a nomear fatores de adoecimento, mas também a trazer fatores protetivos e, ainda, sugestões de ações a serem desenvolvidas pela universidade. Assim, o objetivo deste artigo se faz, mais pontualmente em apresentar as respostas dos estudantes em diálogo com outras pesquisas, visando contribuir para que as instituições de ensino superior possam ter

subsídios para a construção de políticas institucionais de acolhimento e cuidado com o estudante e prevenção ao adoecimento mental discente.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia de pesquisa desenvolvida assumiu um caráter quantitativo e qualitativo. Isso se deu em função de que foi possível trabalhar com a quantificação de alguns dados e com a análise textual e identificação de núcleos de sentidos em outros. A construção da materialidade da pesquisa foi realizada tal qual descrito a seguir.

O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário virtual, elaborado dentro da ferramenta *Google Forms*. O *link* do formulário foi enviado para os estudantes da graduação com a mediação de Diretórios Acadêmicos (DA's) e Centros Acadêmicos (CA's) da universidade.

Os participantes da pesquisa foram estudantes dos diversos cursos de graduação, aos quais foi enviado o *link* de acesso ao questionário. Não temos registro de quantos estudantes receberam o *link* enviado, mas, ao final, tivemos um total de 138 respondentes, de 29 diferentes cursos de graduação.

O questionário foi composto de 12 (doze) questões, sendo 7 (sete) questões objetivas e 5 (cinco) questões discursivas. Também no formulário foi veiculado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) no qual tivemos autorização dos respondentes para usar suas respostas como materialidade de pesquisa, sendo resguarda a identificação dos mesmos. A pesquisa foi devidamente submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da universidade, tendo sido aprovada sob o número 4.027.096.

Quanto às questões objetivas versavam sobre dados sociodemográficos, incluindo curso de origem, ano de ingresso na universidade, se o curso foi sua primeira opção de escolha ao fazer o processo seletivo, e se a temática saúde e/ou adoecimento discente é discutida no âmbito do curso e/ou constitui uma preocupação na Faculdade/Instituto ao qual pertence.

As questões discursivas buscavam conhecer a visão dos estudantes sobre fatores estressores, causadores de adoecimento mental e fatores protetivos e promotores de saúde mental no contexto acadêmico. Foram questionados sobre que situações consideram ser causadoras de estresse e adoecimento mental dentro da universidade; sobre ações institucionais que consideram sejam protetivas contra o adoecimento mental discente; que fatores encontram dentro da universidade que considera que lhes auxilia em momentos de dificuldade e desafios na vida acadêmica; e, por fim, que ações sugeririam à universidade como protetivas e de prevenção ao adoecimento mental discente.

Quanto ao estudo dos dados registrados, inicialmente procedeu-se a um estudo quantificado, tendo sido utilizado o *Software Excel*, que possibilitou uma organização e tabulação dos dados. Em seguida, passou-se a uma leitura atenta e cuidadosa das respostas às questões discursivas. A partir desta leitura buscou-se construir categorias de estudo e identificar núcleos de sentidos dentre as respostas dadas a cada item. Uma análise textual mais detalhada foi realizada utilizando o *Software Iramuteq* que possibilitou a construção de gráficos de similitude, a partir do conjunto de respostas a uma determinada pergunta, que então constituiu um *corpus* textual. Por meio dessa análise foi possível identificar as palavras que apareciam com maior frequência e suas interligações, em uma classificação hierárquica de maior frequência para menor frequência, colocando em destaque possíveis núcleos de sentido (AQUINO e CHAVES, 2021; MORAIS e JÚNIOR, 2022).

Corroborando a apresentação das categorias de estudo e dos gráficos de similitude, foram destacadas e transcritas respostas de alguns estudantes. As mesmas são apresentadas nesse texto seguidas de um número, que é a identificação da resposta do estudante na planilha *Excel* original da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sobre os participantes da pesquisa

Como dito antes, o *link* de acesso ao questionário foi enviado a estudantes de cursos de graduação da universidade em parceria com DA's e CA's. Isso significa que não tivemos controle sobre sua distribuição e não temos como mensurar o quantitativo e nem o perfil dos

estudantes que o recebeu. Portanto, os dados aqui apresentados não podem ser generalizados, no entanto, podem ser lidos como indícios sobre a realidade de estudantes universitários.

Os dados sociodemográficos revelaram que os 138 respondentes eram oriundos de 29 diferentes cursos de graduação. Os cursos foram organizados dentro das 5 grandes áreas do conhecimento, sendo mais representativos os cursos de Direito e Economia na área de Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Sociais no campo das Ciências Humanas, a Enfermagem nas Ciências da Saúde, Engenharias Elétrica e Mecânica nas Engenharias e a Química nas Ciências Exatas. A maior parte dos respondentes são estudantes dos cursos das áreas de Ciências Sociais Aplicadas, 38% e Ciências Humanas, 25%.

Dentre os 138 respondentes, 83 (60,1%) são do gênero feminino, 37 (26,8%) do gênero masculino e 18 (13,1%) pessoas não responderam a esta questão. Quanto a identificação étnico-racial, a grande maioria dos respondentes se identificou como brancos, 80 (57,9%) pessoas; 33 (23,9%) respondentes se identificaram como pardos; 17 (12,3%) como pretos; 8 (5,9%) estudantes não responderam a essa questão. Quanto à faixa etária, a maior parte (64,3%) se encontra entre 18 e 22 anos; 35% dos respondentes estão na faixa etária entre 23 e 48 anos. Foi registrado um respondente com 56 anos (0,7%). Em relação ao ano de ingresso na universidade as respostas se concentram entre os anos de 2015 e 2019 (88%), sendo que há um maior quantitativo no ano de 2017, com 26% dos respondentes. Ao serem questionados sobre se o curso no qual se encontram foi sua primeira opção de escolha no processo seletivo da universidade, 91 respondentes (66%) disseram ter sido sua primeira escolha, e, 47 (34%) responderam que não.

Uma síntese do perfil da maioria (aproximadamente 60%) dos respondentes pode ser feita dizendo que se identifica como sendo do gênero feminino, brancos, na faixa etária entre 18 e 22 anos e que estão no curso que foi sua primeira escolha no processo seletivo de entrada para a universidade. Os estudos realizados por Lelis *et al.* (2020); Sacramento *et al.* (2021) trazem situações semelhantes, em que a maioria dos respondentes são do gênero feminino, brancos e na mesma faixa etária. Quanto ao fato de a maior parte dos respondentes ser do gênero feminino, traz-se a hipótese corroborada pelas pesquisas citadas de que as mulheres estão mais vulneráveis ao adoecimento psíquico, pensam mais sobre a questão e, também, estão mais abertas a falar sobre a temática, aceitar e buscar ajuda.

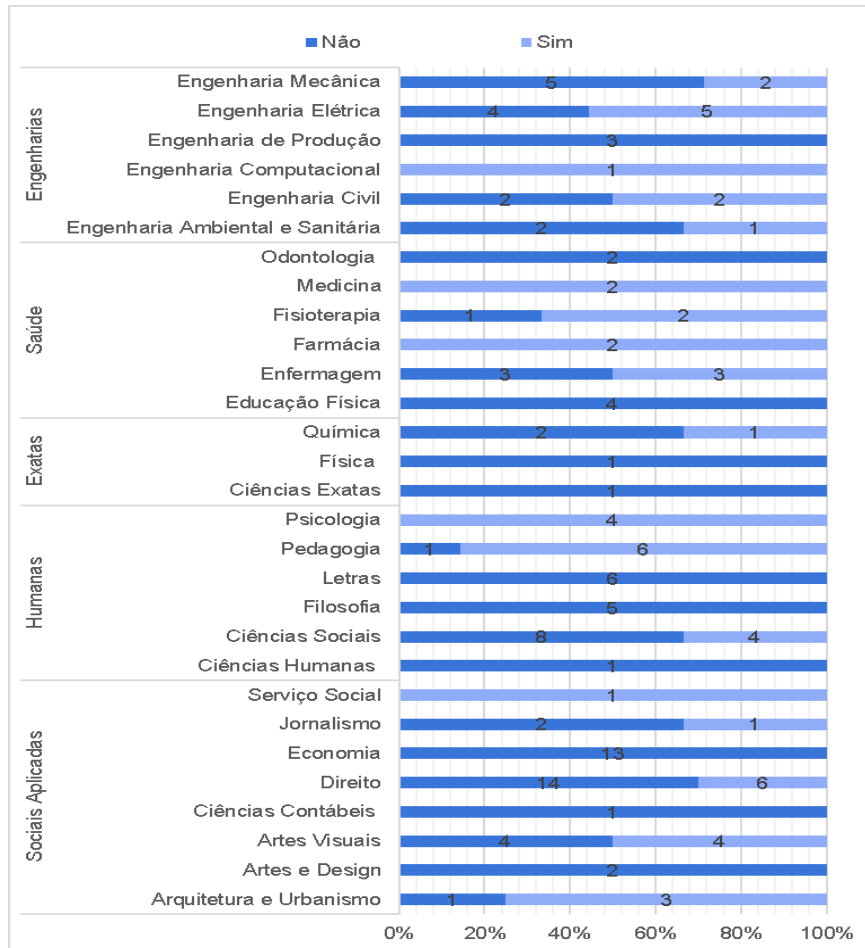
Aqui já surgem algumas outras perguntas: o *link* do formulário não chegou a pessoas que se identificam do gênero masculino ou estes optaram por não responder? Se foi essa segunda alternativa qual o motivo? E quanto às pessoas que se identificam como pardas ou pretas? O *link* não chegou até elas? Chegou e optaram por não responder? Se foi essa segunda alternativa qual o motivo? Ou, ainda, o quantitativo dessas pessoas dentro da universidade ainda é em número muito menor que das que se identificam como brancas? Estas são perguntas que essa pesquisa não deu conta de responder.

Outro dado que merece atenção é quanto aos respondentes que disseram que o curso no qual se encontram não foi sua primeira opção ao fazerem o processo seletivo para entrada na universidade. Apesar deste número (34%) ser menor que o dos que estão no curso que foi a primeira escolha (66%), esse é um dado que precisa de atenção uma vez que a não identificação com o curso, a frustração e decepção com o curso, ou não estar no curso que gostaria é revelado em algumas respostas como sendo fator adoecedor na vida acadêmica. Uma situação de não identificação com o curso pode levar ao desânimo, desistência e evasão ante as dificuldades inerentes ao mesmo. Outras vezes, se cumpre o período e exigências da graduação, mas ao adentrar no mercado de trabalho não se sentem realizados com a profissão, gerando outras tensões na dinâmica social. Esse é um dado que merece ser melhor estudado no contexto acadêmico, especialmente frente a pressão social para que os jovens entrem, cada vez mais cedo na universidade e, ainda em função do fator “nota do Enem”, condição para entrada em muitas universidades brasileiras que acaba por levar os jovens a fazer escolhas pela nota de acesso aos cursos e não por aquilo que é seu interesse real.

Por fim, a questão que tematizava a discussão sobre saúde e adoecimento mental dentro dos cursos. Os dados assinalados apontam para uma ausência ou pequena dedicação à discussão da temática saúde e adoecimento mental do discente nas áreas de ensino. Ao observar, por exemplo, a área de Ciências Exatas, com menor número de respondentes, 80% dos respondentes disseram não terem essa discussão em seus cursos. Mesmo nas áreas que apontam maior presença desta discussão, Saúde e Educação, ainda não há uma unanimidade de acesso aos estudantes respondentes. A hipótese de ausência ou pequena dedicação à discussão da temática pode ser levantada uma vez que em média 52% responderam não ter acesso a essa discussão. Quanto às outras áreas temos: Ciências Sociais aplicadas 73%, Letras e Artes 75%,

nas Engenharias, 59% afirmaram não ter acesso a essa discussão em seus cursos. Na figura 1 é possível visualizar as respostas por áreas e por cursos.

Figura 1. Tematização sobre saúde e o adoecimento mental discente por áreas e cursos



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

Conforme pode ser observado na figura 1, os dados revelados na questão sobre a tematização ou não da discussão sobre saúde e adoecimento dentro dos cursos são preocupantes. Na revisão de literatura realizada foram encontradas diversas pesquisas, algumas recentes, outras não, que apontam para o adoecimento mental discente em áreas e cursos específicos, com destaque para os trabalhos de Silva e Silva (2018), Lelis *et.al.* (2020), Bezerra *et.al.* (2021), Pereira (2021); e Sacramento *et.al.* (2021). Apesar de essa não ser uma problemática recente, a hipótese aqui levantada é que ainda estamos nos ocupando mais com diagnósticos que com intervenção e/ou prevenção ao adoecimento mental discente no Ensino Superior, trazendo à tona a necessidade urgente dessa temática ser colocada em pauta.

Nesta pesquisa, dentre as respostas à pergunta discursiva sobre ações sugeridas à universidade a serem desenvolvidas como protetivas e de prevenção ao adoecimento mental discente foi interessante notar a sugestão de: Ter uma disciplina no primeiro período sobre saúde do universitário (100). E, ainda: Ter uma disciplina aberta sobre saúde mental, ajudaria. (95).

O que se percebe é que há interesse e preocupação por parte dos respondentes quanto à saúde e adoecimento mental na vida acadêmica, e, por outro lado, a ausência de espaços-tempos de discussão sobre a temática nas diversas áreas/cursos.

Sobre as questões discursivas

As questões discursivas tiveram como objetivo nos permitir conhecer a visão dos estudantes sobre o que consideravam fatores de adoecimento mental e fatores protetivos no contexto acadêmico e que ações sugeririam à universidade como forma de prevenção a esse adoecimento.

Após estudar atentamente as respostas dadas a cada uma das questões fez-se o exercício de criação de categorias de análises e, a partir das marcas dos discursos, encontrar núcleos de sentido que pudessem nos aproximar da forma mais adequada possível do que foi expresso pelos estudantes. O mapeamento que possibilitou melhor visibilidade aos núcleos de sentido foi realizado com o uso do *Software Iramuteq*. O gráfico de similitude, escolhido para essa apresentação, traz a relação estabelecida por palavras recorrentes dentro do *corpus* textual formado pelas respostas a uma determinada pergunta, que acabam por configurar termos representativos e suas interligações. Desta forma, quanto maior a palavra, maior o número de citações a ela. Já os vínculos entre as palavras e expressões são representados pelas ligações, de tal forma, que quanto mais espreça for a linha, maior é o número de vínculos entre os termos, conforme pode ser observado nas figuras 2, 3 e 4 apresentadas a seguir.

Sobre as situações causadoras de adoecimento mental na vida acadêmica

Sobre as situações causadoras de adoecimento mental discente dentro da universidade foi possível organizar quatro categorias de análise: professores, currículo, estrutura e organização da universidade, aspectos relacionados ao âmbito pessoal.

[illegible]

No gráfico de similitude (figura 2) é possível visualizar núcleos de sentidos que se fazem em torno do termo professor, com forte vinculação ao aluno, perpassando pelo termo aula, indicando situação de competitividade, acúmulo de atividades, estudos e nível de dificuldade apresentado. Outras relações em destaque apontam para as que se estabelecem com os termos matéria, curso e prova. Estas relações ficam melhor compreendidas quando passamos a observar as principais marcas destacadas nos textos das respostas, as quais indicam relações de poder que criam uma hierarquização e distanciamento entre docentes e discentes com indícios que revelam violência simbólica e pressão psicológica como: autoritarismo, assédio moral, culpabilização pelo fracasso, uso da prova para provocar medo, desprezo, cobrança excessiva, exposição pública dos estudantes e ausência de empatia.

A formação e atuação docente também foram destacadas, evidenciando marcas de uma didática que não considera o aluno no processo de ensino e aprendizagem como: excesso de textos e tarefas avaliativas, prazos curtos para realização das atividades, nível de dificuldade das provas diferente do trabalhado em aula, imposição de trabalho em grupo e gestão do tempo com acúmulo de atividades para final do período letivo. Essas questões foram registradas também por Cristo *et.al.* (2019) e por Rodrigues e Corrêa (2022). Tais situações são explicitadas em algumas respostas:

Muita pressão em cima dos alunos, pela grande quantidade de conteúdo dado; a falta de sensibilidade de muitos professores para com os alunos; o estímulo à competitividade entre os estudantes. (129)

Provas muito próximas uma da outra, carga de leitura muito acima da capacidade de acompanhar em várias matérias e discursos de professores que dizem ter feito diversas coisas durante a faculdade de forma a nos culpar por um baixo desempenho. (131)

Existirem muitos docentes despreparados para lecionarem as aulas, assim como despreocupados com a formação pessoal/profissional/cidadã dos estudantes, dando foco para o conteúdo didático da disciplina e não para a metodologia de ensino/aprendizagem aplicada e seus impactos na formação dos alunos. (105)

Na categoria currículo foi possível organizar respostas afetas tanto aos currículos específicos de alguns cursos quanto a questões que são inerentes aos currículos, de modo geral, de um curso de graduação, como, por exemplo, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Nessa categoria as marcas dos discursos apontam para a ênfase em uma formação técnica e conteudista, que desconsidera a formação humana em sua integralidade. Sinaliza para a dificuldade de organização e gestão do tempo, implicado em extensa carga horária nas disciplinas, atividade extraclasse e período de provas. Ainda foi recorrente a referência ao TCC como sendo uma atividade e um momento da vida acadêmica de grande estresse. Também foi ressaltado o estágio, principalmente com referência à carga horária do mesmo.

Além destes fatores, se fizeram presente o quantitativo de disciplinas a serem cursadas por período, o nível de dificuldades das disciplinas e as atividades avaliativas. Neste ponto chama atenção a referência a algumas disciplinas em que há um alto índice de reprovação, e uma vivência como se essa reprovação já fizesse parte da cultura daquela faculdade e ou instituto, uma vez que é aceita sem questionamentos. Importante destacar que quanto aos itens destacados nessa categoria, as pesquisas já citadas fazem referências aos mesmos, mas não há nenhuma pesquisa que os estude de forma pontual e detalhada.

Algumas respostas explicitam essas marcas.

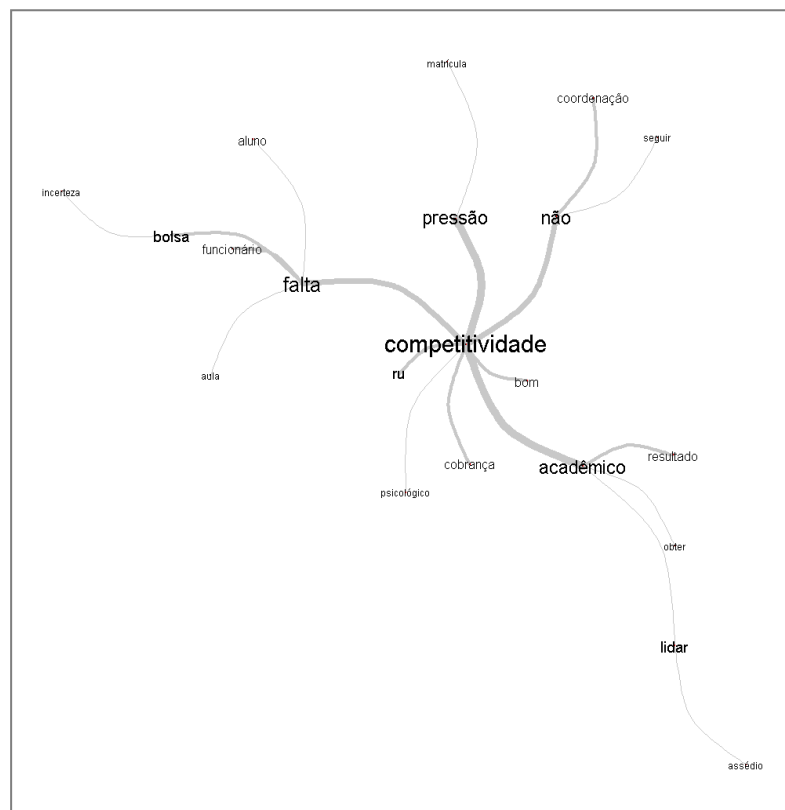
Disciplinas densas, com alto índice de reprovação e carga horária pequena. (16).
Professores que instauram medo para fazer as provas, matérias com alta taxa de repetição. (124).
Repetir nas matérias várias vezes, ser excluído do grupo de amigos por repetir nas matérias. (11).
Relação abusiva com alguns orientadores. (20).
TCC, com cobrança desnecessária de professores. (21).

Pelas falas em destaque, é possível observar que as duas categorias professores e currículo estão diretamente implicadas. Em sua grande maioria aparecem juntas nas respostas registradas, como dois importantes fatores que precisam ser problematizados ao se pensar ações institucionais de atenção à saúde e adoecimento discente na universidade.

A categoria estrutura e organização da universidade surge de forma a ajudar a entender fatores que estão diretamente relacionados à estrutura e organização dos espaços físicos, transporte, segurança, o atendimento às demandas dos estudantes e ao público em geral e, ainda, marcas de uma cultura organizacional da instituição.

Na figura 3 deu-se destaque a ligações que acabam por revelar o que estamos aqui nomeando de aspectos de uma cultura organizacional da instituição. Marcas que apontam o caráter competitivo marcado pela meritocracia e pressão por produtividade, e muitas vezes de rivalidade que ali se configura, a pressão psicológica sofrida frente às demandas da vida acadêmica e relações interpessoais, e, ainda, a ausência de uma assistência estudantil que dê conta das demandas advindas das necessidades dos estudantes.

Figura 3. Destaques na categoria Cultura Organizacional



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

Em relação à estrutura e organização dos espaços físicos foram citadas questões especialmente relacionadas à Política Nacional de Assistência Estudantil (Pnae – Decreto 7.234/2010), como transporte, alimentação, moradia estudantil e lazer. Nas falas foi possível destacar: limitação de acesso aos espaços físicos como biblioteca, às quadras poliesportivas da Faculdade de Educação Física e Desportos, estrutura precária na moradia estudantil e no transporte interno no campus, o fato de o Restaurante Universitário (RU) não atender bem a demanda do quantitativo dos estudantes, qualidade da alimentação no RU, segurança no campus, instalações ruins nas salas de aula, funcionamento do Sistema Integrado de Gestão Acadêmica (SIGA), especialmente em período de matrículas. Especialmente aqui temos fatores cuja presença representa grande fator protetivo e de promoção de saúde mental na vida dos estudantes, mas que a ausência configura fator de adoecimento e não raras vezes, de desistência da graduação. Dados que corroboram a pesquisa realizada por Rodrigues e Corrêa (2022).

Na categoria aspectos relacionados ao âmbito pessoal, muitos estudantes ressaltaram situações que, apesar de serem relacionadas ao âmbito pessoal, ou seja, não vinculadas diretamente à vida acadêmica, afeta de forma significativa sua relação com a universidade. De todas as categorias apresentadas nesse estudo, os elementos que constituem essa última são os mais destacados em todas as pesquisas com as quais se estabeleceu diálogo (COULON, 2017; SILVA e SILVA, 2018; CRISTO *et.al.*, 2019, CARLESSO, 2019; SILVA *et.al.*, 2021; RODRIGUES e CORRÊA, 2022; GOMES *et.al.*, 2023).

Aqui as marcas dos discursos apontam para fatores que dificultam uma adaptação à cultura e organização do Ensino Superior, fazendo-se presente o estranhamento advindo da transição da cultura própria do Ensino Médio para o Ensino Superior, destacando-se a dificuldade de lidar com as demandas acadêmicas, por vezes excessivas, como: informações, atividades, rotina pesada, autonomia na organização da grade curricular semestral, escolhas entre quais disciplinas cursar, dedicação integral aos estudos, apresentação de TCC. Também foi ressaltada a frustração com o curso escolhido, especialmente por esse não ser o que se esperava e/ou não corresponder às expectativas do estudante.

Aqui também se fez presente questões referentes à vida familiar e social, sendo recorrente a menção à distância da família e ausência de vida social. Foi possível perceber que o fator distância da família se faz, principalmente, em função da mudança de cidade para poder cursar o ensino superior, e, a ausência de vida social devido às múltiplas tarefas acadêmicas, que acabam por limitar os momentos de lazer. Outra marca do discurso revelou o excesso de cobrança por parte da família e o não reconhecimento dos esforços tanto pelos familiares quanto pela sociedade. Há indícios de que a dedicação à vida acadêmica ressoa inclusive nos relacionamentos amorosos.

Ao fazer referências aos relacionamentos sociais na instituição, a solidão foi expressa pela falta de solidariedade por parte dos colegas e profissionais, o que acaba constituindo, também, fator de desmotivação. Ausência de ações de acolhimento nos institutos e cursos. A reprovação foi apontada como um fator gerador da exclusão do grupo de amigos ou de colegas da turma. O sentimento de não pertencimento à turma e/ou curso se fez presente nas respostas dos estudantes. Esses fatores, acrescidos com a distância da família, acabam por trazer outros complicadores à vida de muitos estudantes. Quanto à questão do sentir-se pertencente ou não à vida universitária, encontramos em Kreutzfeld (2023) e Mathias (2023) elementos

que ajudam a pensar as implicações no processo de formação do estudante e nos sentidos encontrados em seu percurso formativo.

Questões socioeconômicas e mercado de trabalho também foram apontados como fatores de adoecimento mental. Dificuldade financeira para manutenção durante o curso, o que exige que muitos estudantes tenham que trabalhar e estudar ao mesmo tempo, uma dinâmica conflituosa. A incerteza quanto ao futuro profissional, o medo de não conseguir concluir o curso ou de ao concluir, não conseguir entrar no mercado de trabalho para o qual se formou. Outro fator mencionado nas respostas refere-se às dificuldades de mobilidade urbana, especialmente quando se mora em bairros longe do campus ou em outras cidades.

Ao finalizar a apresentação das categorias que organizam os fatores causadores de adoecimento mental apontados pelos estudantes do Ensino Superior, observa-se que cada uma dessas categorias merece ser estudada de forma mais detalhadas, trazendo em contraponto as ações que poderiam impactar de forma a mudar a realidade que se configura.

Sobre ações institucionais protetivas e de prevenção ao adoecimento mental discente

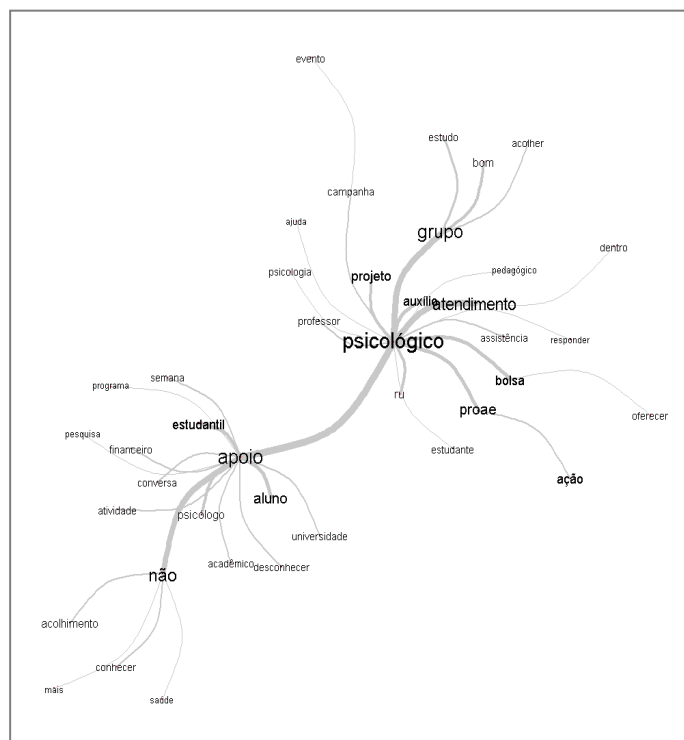
Se para o item fatores causadores de adoecimento mental tivemos uma grande quantidade de pesquisas para o diálogo, no item fatores protetivos e promotores de saúde mental o mesmo não se deu. Tal constatação corrobora a hipótese de que as pesquisas têm se dedicado mais a realizar diagnóstico dos quadros e fatores de adoecimento. As pesquisas quanto aos fatores protetivos ainda são incipientes (RODRIGUES e CORRÊA, 2022) e, em menor quantidade, as que compartilham as ações desenvolvidas em prol do cuidado, acolhimento e prevenção ao adoecimento discente (MACHADO *et.al.*, 2018; MORAIS e JÚNIOR, 2022; GOMES *et.al.*, 2023).

Na questão que abordava ações consideradas protetivas contra o adoecimento mental discente, dentre os 138 respondentes 118 (85,5%) indicaram conhecer algum tipo de ação desenvolvida dentro da universidade. Esse resultado aponta que, apesar de 20 (14,5%) respondentes afirmarem desconhecer qualquer ação com esse objetivo dentro da universidade, elas existem, talvez ainda em pequena quantidade, ou, não muito divulgadas.

No estudo das respostas registradas foi possível construir quatro categorias para análise, são elas: ações de setores ligados à administração geral da universidade, ações realizadas por grupos de pesquisa e extensão, ações de outras organizações dentro da universidade, e ainda, ações docentes, ou seja, aquelas que se dão de forma individual e comumente isoladas.

No âmbito da primeira categoria, ações de setores ligados à administração geral da universidade, destacam-se ações institucionais desenvolvidas no âmbito da Pró-reitora de Assistência Estudantil (PROAE), tendo apontamentos para o atendimento psicológico individual e ações em grupo. E, com menor destaque, o apoio pedagógico. Houve ainda referências às campanhas de conscientização como a Campanha do Setembro Amarelo. Com grande recorrência, foi citado o auxílio financeiro tendo sido feitas referências às bolsas de apoio estudantil. O RU também foi lembrado como um fator importante ao bem-estar dentro da universidade. Também foram citados, mas em menor recorrência as ações do Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI), da Diretoria de Ações Afirmativas (Diaaf), da ouvidoria e das coordenações de curso. Com apontamentos mais pontuais foram citados o Regimento Acadêmico da Graduação (RAG) e os formulários de avaliação docente. A dimensão do lazer não ficou esquecida, tendo sido lembradas as ações culturais na Praça Cívica.

Figura 4. Destaques dentre as ações protetivas contra o adoecimento mental discente



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

Nas palavras apresentadas na figura 4 é possível visualizar o destaque dado ao atendimento psicológico, que é realizado pela PROAE e às ações em grupo bem como a recorrente ligação entre essas. Com ligação direta às ações da PROAE, há a presença do termo bolsa, referindo ao apoio financeiro advindo do PNAE. Tal presença se faz em destaque também quando em ligação com o termo apoio, aqui com relação ao termo estudantil. Destaca-se que, comumente as respostas traziam essas referências juntas.

No contexto da segunda categoria, nomeada de ações realizadas por grupos de pesquisa e extensão foram registradas ações que são desenvolvidas por grupos de pesquisa, grupos de extensão ou ações pontuais de grupos ou profissionais. Como: rodas de conversa, projetos esportivos, e atividades extracurriculares. Essas ações são nomeadas em diversas outras pesquisas, no entanto, apenas em Machado *et.al.* (2018) e Gomes *et.al.* (2023), encontramos descrição de sua realização.

Na terceira categoria, que aponta para ações de outras organizações dentro da universidade, as ações desenvolvidas por DA's e CA's foram citadas com recorrência, tendo destaque as ações de acolhimento aos calouros, palestras e ações relacionadas à atenção à saúde mental. Aqui, outra questão que precisa receber mais atenção nas pesquisas: as ações desenvolvidas por DA's e CA's. Isso se justifica já que, não raras vezes, essas organizações estudantis têm assumido um protagonismo significativo no acolhimento aos estudantes, especialmente aos recém-chegados. Foram lembradas ações do Diretório Central dos Estudantes (DCE), dos coletivos em geral, tendo sido nomeados os feministas, e das empresas juniores, com destaque para a Empresa Junior de Psicologia (Apsi).

No âmbito da quarta categoria, nomeada ações docentes, foram agrupadas referências que se deram em menor número, mas nem por isso menos importantes, que diziam respeito diretamente à relação com professores, tendo sido citada a postura receptiva destes, quando, que por iniciativa própria, se importam com os estudantes. Foi feita referência também às visitas técnicas, prática comum em alguns cursos.

Sobre as ações de prevenção ao adoecimento mental discente sugeridas à universidade

Ao estudar as respostas dadas à questão referente às ações sugeridas à universidade

que poderiam ter caráter de cuidado e prevenção ao adoecimento mental discente, foi possível construir três categorias de análise: ações de arte e lazer, ações de formação e conscientização, ações vinculadas ao atendimento psicológico e médico.

Quanto às ações de artes e lazer, há grande referência ao campus como sendo um espaço de lazer e socialização, com a possibilidade de realização de eventos que favoreçam a aproximação entre estudantes de diferentes cursos. Surgiram alguns apontamentos sobre a necessidade da intervenção artística e criativa no campus, por meio do grafite, por exemplo. Houve a preocupação com os espaços físicos dos prédios que abrigam as diversas faculdades. Espaço para a música, como no evento Som Aberto ou uma simples roda de violão. O esporte também foi apontado como uma possibilidade de integração entre os estudantes, o qual deveria ser incentivado pela universidade. Apesar da riqueza sinalizada no campus, há sugestão de criação de um espaço para o descanso, mental e físico, especialmente para os estudantes que ficam o dia todo na universidade. Os registros trazem falas que corroboram essa leitura.

Rodas com violão, rodas de conversa para o contato entre diferentes alunos do mesmo curso ou entre cursos (60).

Revitalização e decoração da moradia estudantil, área de lazer e ambientes comuns. Pinturas de murais artísticos nos institutos, as construções têm uma arquitetura pouco inclusiva e muito formal, isso precisa ser desconstruído ao meu ver e ser repensada para as próximas reformas e construções. Apadrinhamento de calouros por parte de veteranos para todos os cursos e que a primeira semana de todo semestre fosse para acolhimento dos calouros, apresentação dos prédios, professoras, grupos de pesquisa e de extensão. Da cidade também, lugares pra passear, ou ir em caso de adoecimento, linhas de ônibus. Talvez um manual impresso pudesse ajudar também. (28).

Uma proposta de democratização das instalações esportivas combinada com incentivos à prática de esportes, principalmente visando os horários. (130).

Uma sistema de ensino mais acolhedor (sem turmas gigantescas, onde o professor não conhece o aluno vice-versa); Eventos sociais de descontração (como Som Aberto, mas sem brigas); Investir em cursos ou áreas de lazer (espaços de atividades físicas, música, luta dança), algo desvirtuado de nossos cursos, mas deixar isso mais acessível e evidente para todos. PS: Ñ preciso políticas sociais complexas para me descobrir, o bom e o simples é o essencial. (58).

As sugestões propostas pelos estudantes são bem pertinentes já que a universidade, para a maioria deles, é a principal instituição social que participam. Os cursos, por vezes ofertam disciplinas nos três horários, a saber, manhã, tarde e noite, o que faz com que os discentes passem o dia todo dentro da universidade. Para muitos, o distanciar de casa e dos seus entes queridos, podem causar estresse, ansiedade, sofrimento. Em contrapartida, atividades de lazer e arte, assim como, um ambiente mais acolhedor proporcionaria uma permeância menos

desafiadora na universidade, uma realidade possível e humana que refletiria inevitavelmente na qualidade de vida dos mesmos.

No que se refere às ações de formação e conscientização, foi recorrente a referência à necessidade de formação dos profissionais docentes e técnicos para atenção à saúde e adoecimento discente. A necessidade de formação pedagógica dos docentes, e uma formação que aborde a relação com as diferenças. Ainda, em relação especialmente aos docentes, há referências à necessidade de escuta e de tomar providências frente às denúncias dos estudantes em casos de abusos de diferentes ordens.

Ainda, referente às ações de formação e conscientização, foram registradas questões que estão diretamente implicadas à organização pedagógica da universidade, como, por exemplo, a burocracia no acesso a disciplinas em alguns institutos, o peso do Índice de Rendimento Acadêmico (IRA) na vida acadêmica, a pressão vinculada ao TCC e estágios.

Há também referência à necessidade de intensificação das campanhas de conscientização sobre saúde mental, além de incentivo a DA's e CA's em suas ações e eventos. Algumas falas dos respondentes podem nos ajudar a entender melhor as demandas realizadas:

Os cursos de exatas se preocupar mais com o aluno; ter mais campanhas de atenção a vida (não só em setembro); Maior interação entre os alunos (sentimento de uma só universidade, um só grupo). (1).

Apenas uma: levar mais à sério as reclamações discentes em relação aos docentes. Isso já ajudaria muita coisa. (138)

Conscientizar alguns professores a tratar os alunos como pessoas e não máquinas que só visam produtividade em detrimento de outras questões. Colocar em evidência saúde mental entre os professores da graduação poderia ajudar bastante, não basta a existência assistência estudantil se a todo tempo estamos pensando em "render" nas matérias. (31).

No estudo das respostas a este item, a maior recorrência foi registrada na categoria ações vinculadas ao atendimento psicológico e médico no âmbito da universidade. Quanto ao atendimento psicológico, a maior parte das ações sugeridas refere-se a uma política de ampliação do atendimento realizado pelos psicólogos da PROAE. Quanto ao atendimento médico, há sugestões da ampliação do atendimento no Hospital Universitário (HU) para os estudantes da universidade. Nessa categoria encontramos, também, sugestão de criação de disciplinas abertas que tratem da questão da saúde mental e que seja acessível a estudantes de diferentes cursos.

Um dado que chama a atenção é que os estudantes, em suas respostas, apresentam

preocupação com a saúde mental dos profissionais, indicando que o atendimento psicológico deva ser oferecido a docentes e técnicos administrativos (TAE's).

Ações semelhantes ao Setembro Amarelo, dialogando com o adoecimento discente, com mais frequência, e não somente no mês estabelecido. Locais onde o atendimento possa ser mais imediato, seja alguma ajuda especializada ou apenas para uma conversa mais informal. Incentivo aos projetos que existem dentro da instituição que discutem o adoecimento discente. (6).

Expansão das consultas ao médico e psicólogo, para que mais alunos possam fazê-lo, encontros como grupos de apoio e eventos simples que tirem os alunos da rotina cansativa de estudos. (18).

Ampliar as pesquisas de o porquê determinada matéria tem tanta reprovação/desistência e a partir de seus resultados tomar ações efetivas que combatam tais motivos (53).

Ampliar o aconselhamento psicológico aos estudantes, tornar o ambiente acadêmico mais acessível aos alunos deficientes ou com problemas de saúde prévios, informar os alunos do auxílio já existente (é sério muita gente não sabe o que a universidade oferece) (62).

Os dados aqui apresentados são apenas alguns, e, é certo que não dão conta de todas as particularidades registradas na pesquisa, no entanto, contribuem para o estudo da temática central: fatores de adoecimento mental e fatores protetivos e promotores de saúde mental na vida acadêmica.

Importante destacar que existem fatores de adoecimento e que esses ocupam grande parte da dinâmica de vida na universidade, as pesquisas têm demonstrado isso. Mas, também existem fatores protetores e que não raras vezes são pouco conhecidos, divulgados, até mesmo invisibilizados. Faz-se fundamental potencializar os fatores promotores de saúde e bem-estar de forma a enfraquecer e minimizar a ação daqueles causadores de adoecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parar para perguntar aos discentes sobre as questões que afetam seu modo de ser e estar na vida acadêmica é um movimento fundamental para pensar as políticas universitárias de acolhimento e cuidado estudantil no Ensino Superior. Escutar àqueles a quem essas políticas se destinam, faz parte de uma construção democrática e solidária.

Nesta pesquisa buscamos conhecer o que os estudantes consideram como sendo fatores de adoecimento mental na vida acadêmica, mas não paramos por aí. Perguntamos sobre

aquilo que veem como fatores protetivos e ainda suas sugestões de ações que possam ser desenvolvidas pela universidade, o que, certamente contribui, e muito, na construção de políticas institucionais de acolhimento, cuidado e prevenção ao adoecimento mental discente no Ensino Superior. Parafraseando Frankl (2018), o que os estudantes universitários precisam não é de uma vida acadêmica livre de tensões, mas uma vida acadêmica que tenha sentido, um sentido próprio, para cada um, que valha cada esforço empreendido na superação dos desafios até alcançar o objetivo desejado.

Esta pesquisa traz um diferencial ao destacar a categoria professor, em especial por ela ter sido destaque como fator relevante tanto como causador de adoecimento mental, quanto como fator protetivo, o que ao mesmo tempo em que parece contraditório, aponta para as múltiplas facetas da relação professor-estudante no Ensino Superior. Tal configuração sugere a necessidade desta relação ser estudada e problematizada para ser melhor compreendida e potencializada como fator protetivo e de promoção de saúde mental.

Ressalta a importância de pesquisas sobre a temática saúde mental e educação ir além dos diagnósticos e do apontar fatores de adoecimento, mas dar destaque aos fatores protetivos e às sugestões dos estudantes, que devem ser consideradas nas construções de políticas institucionais de acolhimento cuidado e promoção de saúde.

Importante retomar alguns apontamentos já realizados ao longo do texto, dentre eles a necessidade de colocar a temática saúde e adoecimento mental discente em pauta na dinâmica universitária; investir em políticas de saúde visando ao público “masculino”, buscando maior participação deste nas pesquisas e ações de proteção, investigar as causas do baixo percentual de pessoas negras e pardas como respondentes nas pesquisas, trazer para a discussão as preocupações não apenas com a qualidade de vida e bem estar dos estudantes, mas também dos profissionais.

Há que se empreender outras pesquisas que possam aprofundar as questões aqui apontadas, buscando respostas com uma população mais numerosa e, ainda, ampliar o escopo da mesma para questões que aqui não foram contempladas. Isto porque, é fato que a incidência de adoecimento mental discente no percurso universitário, é multifatorial, exigindo pesquisas que possam mapear com mais exatidão esses fatores e dando visibilidade a cada um deles no sentido de identificar aqueles que estão ao alcance da instituição intervir com as

Políticas de Apoio Estudantil já existentes e aqueles que ainda estão à margem deste atendimento. Identificar, dentre os fatores causadores de adoecimento, quais são de fato advindos da estrutura e organização da dinâmica universitária e quais são de outras esferas da vida. Os fatores se implicam e não existem por si só, mas, certamente, um conhecimento deles e de como afetam aos estudantes poderia dar sustentabilidade para ações institucionais mais adequadas e eficazes.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Amanda Karla Diniz Liberato; AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. Narrativas de vida de estudantes universitários: uma análise do sentido existencial por meio da autobiografia. In: **Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica**. Vol. XXVII-03 (2021). p.252-266. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v27n3/v27n3a02.pdf> Acesso em: 15 agosto. 2023.

BEZERRA, João Ernesto Moura Sobreira. *et.al.* Saúde mental de estudantes dos cursos de graduação em engenharia. **Revista de Ensino de Engenharia**, v. 40, p. 321-333, 2021. Disponível em: <http://revista.educacao.ws/revista/index.php/abenge/article/view/1914> Acesso em: 20 agosto. 2023.

CARLESSO, Janaina Pereira Preto. Os desafios da vida acadêmica e o sofrimento psíquico dos estudantes universitários. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 2, pág. e82922092, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/2092> Acesso em: 15 agosto. 2023.

COULON, Alain. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. In: **Educação e Pesquisa**, v. 43, n.4, p.1239-1250, out/dez, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/Y8zKhQs4W7NYgbCtzYRP4Tb/abstract/?lang=pt> Acesso em: 20 agosto. 2023.

CRISTO, Fábio de. *et.al.* O Ensino Superior e suas exigências: consequências na saúde mental dos graduandos. **Revista Trabalho (En)Cena**. v. 4, n. 2, p. 485-505, 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/7447> Acesso em: 20 agosto. 2023.

FRANKL, Viktor. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2021.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2018.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e Sentido da Vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial**. São Paulo: Quadrante, 2019.

GOMES, Lucélia Maria Lima da Silva. *et.al.* Saúde mental na universidade: ações e intervenções voltadas para os estudantes. **Educação em Revista**. 2023; 39:e40310. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-469840310> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/wpFT8qpYkFN3JgWS5XD9qJD/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 05 maio. 2025.

KREUTZFELD, Leandro Damasceno. **Valores Existenciais e Sentidos de Vida de Estudantes de cursos de Licenciatura**. Mestrado em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023. 137 p. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/16362/1/leandrodamascenokreutzfeld.pdf> Acesso em: 24 abril. 2024.

LELIS, Karen de Cássia Gomes *et.al.* Sintomas de depressão, ansiedade e uso de medicamentos em universitários. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n. 23, p. 9-14, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.19131/rpesm.0267> Disponível em http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602020000100002&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 05 maio. 2025.

Mapeamento de fatores de adoecimento mental e fatores protetivos entre estudantes no ensino superior

MACHADO, Yane Ferreira, *et.al.* Gerenciamento do estresse entre estudantes universitários: relato de experiência com grupos. **Congresso Nacional de Educação**. Recife, PE, Brasil. De 17 a 20 de outubro de 2018. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABA-LHO_EV117_MD1_SA18_ID300_02092018214543.pdf Acesso em: 20 agosto. 2023.

MATHIAS, Dionei. Pertencimento: Discussão Teórica. **ALEA**. Rio de Janeiro, vol. 25/1, p.166-187, jan.abr. 2023. <https://doi.org/10.1590/1517-106X/202325110>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/5j8SHLFb5zy65tR5s5fjpSy/> . Acesso em: 30 abril. 2024.

MORAIS, Jarlene Fabiana Lima de; JÚNIOR, Francisco Souto de Sousa. Relaxme: aplicativo para auxiliar discentes da Universidade Rural do Semi-Árido (UFERSA) no cuidado da saúde mental. **Educação & Linguagem**, ano 9, n. 1, p. 01-15, Jan-Abr. 2022. Disponível em: https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2022/06/1_RE-dLi.2022.1.pdf . Acesso em: 20 agosto. 2023.

PEREIRA, Raquel Rinco Dutra. **Resiliência nos modos de ser e estar de estudantes de Cursos de Licenciatura da Universidade Federal de Juiz de Fora**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/12822> Acesso em: 08 maio. 2025.

RODRIGUES, Carlos Manoel Lopes; CORREA, Dionne Rayssa Cardoso. Mapeamento de fatores de risco e de proteção psicossocial no ensino superior. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 28, p. e43443, 2022. DOI: [10.26512/lc28202243443](https://doi.org/10.26512/lc28202243443). Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/43443> . Acesso em: 5 maio. 2025.

RUFATO, Fabrício Duim; ROSSETTO, Elizabeth; WILKON, Nickson Willian Vedigal. O adoecimento psíquico em jovens universitários. **Revista Tempos Espaços Educacionais**. v.15, n. 34. 2022. p.1-17. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/16903/13961> Acesso em: 05 maio. 2025.

SACRAMENTO, Bartira Oliveira, *et.al.* Sintomas de ansiedade e depressão entre estudantes de medicina: estudo de prevalência e fatores associados. **Revista Brasileira de Educação Médica**. 45 (1) : e021, 2021. p. 1-7. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.1-20200394> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/QRW5cQW9D4bDdPjyyXxyFLR/?lang=pt> . Acesso em: 05 maio. 2025.

SANTOS, Eduarda Luana dos. *et.al.* Saúde mental no contexto universitário: uma revisão narrativa com ênfase em estudantes de psicologia. **Revista Ciências da FAP**, [S. l.], n. 5, 2022. Disponível em: <https://revistas.fadap.br/ciencias/article/view/11> . Acesso em: 5 maio. 2025.

SEVERO, José Leonardo Rolin de Lima, *et.al.* “Ser estudante” no ensino superior: aspectos valorativos da experiência na perspectiva discente. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 26, p. 32512, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/32512>. Acesso em: 1 maio. 2024.

SILVA, Maria Eduarda Alves da. *et.al.* Saúde mental dos estudantes universitários. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, v. 9, p. e6228, 4 fev. 2021. p.1-9. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/6228> . Acesso em: 20 agosto. 2023.

SILVA, Maria Vitória Oliveira; SILVA, Leni Maria Pereira. Quando o sonho vira pesadelo: uma análise do adoecimento e sofrimento dos discentes na graduação. **Anais...VI Congresso em Desenvolvimento Social**. 2018. Disponível em: https://congressods.com.br/sexta/anais_sexta/ARTIGOS_GT11/QUANDO%20O%20SONHO%20VIRA%20PESADELO%20UMA%20ANALISE%20DO%20ADOECIMENTO%20E%20SOFRIMENTO%20DOS%20DISCENTES%20NA%20GRADUACAO.pdf . Acesso em: 10 julho. 2023.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).